

KRETSCHMER E OS “PLOTINOZINHOS,”

por ABEL SALAZAR

Ao tentar divulgar entre nós a obra magnífica de Kretschmer, sabia já, de antemão, que a sua psicologia iria provocar uma reacção. A reacção banal do intelectual, do poeta, do metafísico, que fulmina lugares-comuns contra a ciência, banalidades que são apenas devidas a uma incompleta ou insuficiente compreensão do que seja ciência. A ciência *fria*, a ciência *morta*, *materialista*, *mechanizante*, estúpida, opressora, asfíxica para os altos espíritos que... para os iluminados que... para os visionários que... para os espiritualistas que, que, que... no fundo não sabem o que dizem.

A coisa é simples: nada disto tem sentido. E as reacções em moda contra a ciência não passam de petulantes vacuidades, de verborreia ôca, de esgrima de banalidades com um fantasma...

Assim sucede com Kretschmer. Alguns, muitos, quasi todos os nossos etéreos intelectuais, que disso ouviram falar, logo se declararam em revolta contra a Caracterologia, contra a Psico-Somática. Credo, sume-te bruxa! O espírito, o nobre, o aristocrático, o vaporoso espírito — função do sôma! O talento, o génio, a alma, o temperamento e o carácter, função do sôma, e o homem pensando com o corpo inteiro! O homem prêso em biotipos, dividido em tipos biológicos, o homem integral, espírito e alma, expressão do seu biotipo! O poeta, o artista, o filósofo, o político, o agitador, fazendo poesia, arte, filosofia, política, agitação, segundo os imperativos fatais do seu sôma, do seu biotipo, do seu complexo hormono-cerebral!

Não, impossível! Se eu sei que, quando penso, pinto, desenho ou versejo, ou entro em agitação, cólera, devaneio; se eu sei que, na vida, na família, entre amigos, na sociedade, penso, sinto e actuo, queira ou não queira, em fun-

ção do biotipo — então! mais vale apenas comer e beber, e não pensar, sentir, filosofar ou actuar. Não, antes a calma beatífica do doce farniente...

Assim pensam e dizem os nossos etéreos intelectuais; e eis que barafustam contra o tipo esquizotímico com a mesma fúria que reagem contra o ciclotímico — sem ao certo saberem, muitas vezes, o que tais palavras querem dizer...

No entanto, eles, os etéreos intelectuais em revolta, não reparam em que, quando assim barafustam, confirmam pelo próprio acto e sua forma o seu biotipo, e a Caracterologia em geral: picaresca situação, de cujo cómico se não apercebem.

E não reparam também, — coisa capital! — que a *conciencialização* progressiva que o homem vai tendo da sua «máquina» é a única forma da sua libertação da máquina; pois que assim, continuando a ser máquina, deixam ipso-facto de ser máquina. Não reparam em que esta conciencialização progressiva é a única forma legítima do *dever* intelectual do homem, e da sua libertação moral, pois tudo o resto é fantasia, ilusão, miragem...

Não reparam ainda em que, precisamente ao contrário do que pensava o pobre Nietzsche, a conciencialização das forças mecanoïdes da história é a única forma positiva do homem se libertar da sua pressão, da determinação inflexível da sua bio-mecânica.

Não querem ver que é pelo contrário, na inconsciência da mecânica que reside a verdadeira mecanização, a cegueira do acto que se julga livre, porque ignora que é determinado; e que assim, ao refugiarem-se na cegueira do não-conhecimento da sua máquina, encontram nesse refúgio precisamente aquilo que tanto os confrange e revolta.

Absurda, incompreensível atitude, absolutamente paradoxal! Mas assim é.

Nem sempre, no entanto, assim sucede. Eis com efeito uma alta inteligência portuguesa, alta sensibilidade de poeta e de artista, estranha, singular, que me escreve:

— «Foi para mim alegre surpresa descobrir o encanto de Kretschmer. Escreve de uma forma que fala à imaginação e ao coração. O seu retrato do fabricante Quik, aquêlo hipomaniaco que fazia serenatas à sogra e o seguinte, são de uma bonhomia, de um humorismo, de uma ternura maravilhosas. Suponho que os seus doentes devem ser doidos por êle. Eu, igualmente tenho por êle grande estima. Quanta graça não há na forma por que êle fala dos esquizotímicos: «Esta espécie pode dar-nos aliagens favoráveis, caracteres esplêndidos, de uma energia, de uma grandeza e de uma pureza de espírito comovedoras»; isto e todo o retrato de Blau conquistaram a minha simpatia. E dizem que a ciência tudo torna resequido! Creio no entanto que a verdade — quando se não naufraga ao seu choque brutal — é a grande escola da humanidade. Obrigada por me ter felto conhecer êste livro (Kretschmer). Isso despertou em mim a paixão adormecida pelo bicho humano...»

Não se pode melhor definir certas modalidades de Kretschmer do que o fazem estas frases, nem com maior elegância e leveza.

E se agora dissermos que estas frases são de uma senhora, moça e poetisa de uma elegância intelectual rara, mais francesa do que portuguesa, terel dito o suficiente para fazer embaçar os nossos etéreos intelectuais, poetas, e iluminados, os nossos vaporosos aristocratas da quintessência que não querem contactos, parentesco, proximidades, com a vil matéria, a qual, êles não sabem sequer o que seja...

(Continua na página 12).